



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - FECAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARIA NILZA OLIVEIRA LOPES

MEMORIAL DE FORMAÇÃO:

História de vida e formação: Experiências de uma agricultora no Projeto de Assentamento Agroextrativista Praia Alta-Piranheira no Município de Nova Ipixuna, Sudeste Paraense

Marabá-PA

2023

MARIA NILZA OLIVEIRA LOPES

MEMORIAL DE FORMAÇÃO:

História de vida e formação: Experiencia de uma agricultora no Projeto de Assentamento Agroextrativista Praialta Piranha no Município de Nova Ipixuna, Sudeste Paraense

Trabalho de Conclusão de Curso – Memorial de Formação – apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado (a) em Educação do Campo, com ênfase na área de Ciências Agrárias e da Natureza.

Orientador(a): Prof. Ms. Haroldo de Souza

Marabá-PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará Biblioteca
Setorial Campus do Tauarizinho

- L864m Lopes, Maria Nilza Oliveira
 Memorial de formação : história de vida e formação :
 experiências de uma agricultora no Projeto de Assentamento
 Agroextrativista Praialta-Piranheira no Município de Nova Ipixuna,
 sudeste paraense / Maria Nilza Oliveira Lopes. — 2023.
 29 f.
- Orientador(a): Haroldo de Souza.
 Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
 Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas,
 Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena
 em Educação do Campo, Marabá, 2023.
1. Memória autobiográfica. 2. Lopes, Maria Nilza Oliveira, 1976
 - Narrativas pessoais. 3. Professores - Formação. 4. Educação do
 campo. I. Souza, Haroldo de, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 920.72

Elaborado por Adriana Barbosa da Costa – CRB-2/994

MARIA NILZA OLIVEIRA LOPES

MEMORIAL DE FORMAÇÃO:

História de vida e formação: Experiências de uma agricultora no Projeto de Assentamento Agroextrativista Praia Alta Piranha no Município de Nova Ipixuna, Sudeste Paraense

Trabalho de Conclusão de Curso – Memorial de Formação – apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado (a) em Educação do Campo, com ênfase na área de Ciências Agrárias e da Natureza.

Data da aprovação: Marabá (PA) 06/ 03/ 2023.

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof.(a) Ms. Haroldo de Souza – Faculdade de Educação do Campo (FECAMPO/UNIFESSPA)

Prof.(a) Dra. Idelma Santiago da Silva - Faculdade de Educação do Campo (FECAMPO/ UNIFESSPA)

Prof.(a) Dr. Rodrigo de Almeida Muniz - Faculdade de Educação do Campo (FECAMPO/ UNIFESSPA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus o autor da vida, ele que me deu força para vencer todas as dificuldades ao longo desta jornada.

A Senhora Mãe de Deus e minha que nunca nos desampara e que leva as nossas orações até Jesus.

Agradeço a minha família, ao meu esposo Pedro Senhor da Silva que me deu força para enfrentar este desafio e teve muita paciência ao longo desta caminhada, ele que nas horas difíceis estava ao meu lado dando força e incentivo.

Às minhas filhas Adriana, Albertina, Angela Cristina e ao meu genro Danilo Coelho que me deram incentivo e suporte nessa trajetória acadêmica, vocês foram muito importantes nessa caminhada.

Não menos importante, agradeço as minhas filhas Jamile Ester e a Paula Artemísia que ficaram em casa na luta do dia a dia, cuidando das coisas e ajudando em tudo, enquanto eu estava fora de casa.

Ao professor Haroldo por todo apoio durante todo o processo de construção da escrita da minha história de vida, obrigada pela orientação incansável e confiança que tornaram possível a realização de um sonho.

A todos os meus amigos e amigas que fizeram parte desta minha formação direto ou indiretamente, muitos foram os que iniciaram e alguns desistiram ao longo do caminho e outros nos deixou pela fatalidade do destino aos meus parceiros, companheiros de toda esta caminhada, e aqueles que estivemos juntos durante todo este percurso e que construímos uma amizade sincera, especialmente a eles: Andreia, Gilzélia e Celso, o meu muito obrigada.

Por fim e não menos importante agradeço a instituição UNIFESSPA, a FECAMPO e todas as entidades parceiras. A todo o corpo docente por toda paciência, dedicação e compreensão, além da parceria em sala de aula construímos uma relação de amizade e respeito.

RESUMO

A palavra Memorial vem do latim Memorial e significa momento, fatos memoráveis, onde o autor descreve a sua trajetória profissional de forma crítica e reflexiva, contando o percurso acadêmico entremeado às vivências que se estendem até os dias atuais. O objetivo central será a narrativa da história de vida e luta pela educação, com destaque para acontecimentos, experiências e vivências em diferentes tempos e espaços importantes na trajetória de formação ética, humana, social e acadêmica. Este memorial apresenta relatos do processo de migração, acesso à educação básica, constituição da família, envolvimento nos movimentos e conquista da terra, por fim traz relatos do processo de formação no curso de Licenciatura em Educação do Campo-LEDOC, dando ênfase as experiências vividas e adquiridas durante esse processo de formação. O processo de migração e a conquista da terra vem carregado de histórias de lutas e superação de desafios, durante esse processo se inicia o encontro com a leitura e a escrita e trajetória de luta por educação. A conquista por educação é um processo de luta constante que perpassa todos os atos deste memorial, é uma trajetória de luta e de persistência muito pessoal, que vai desde a educação básica até o processo de formação da LEDOC. O encontro com a educação do campo traz um novo olhar e uma abordagem diferente de compreensão e transformação da realidade vivida.

Palavras-chave: Memorial de formação - Educação do Campo - História de vida.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FECAMPO – Faculdade de Educação do Campo

UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

APP - Área de Proteção Permanente.

CAR - Cadastro Ambiental Rural.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

PA – Pará

PAE - Projeto de Assentamento Agroextrativista.

PRA - Plano de Recuperação Ambiental.

PRADA - Plano de Recuperação de Áreas Degradadas e Alteradas.

RL - Reserva Legal.

SICAR - Sistema Nacional do Cadastro Ambiental Rural.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

ARTICULA- FITO – Projeto de Fortalecimento de Sistemas produtivos baseados em espécies de plantas medicinais para a promoção da saúde, o acesso a mercados e o desenvolvimento local.

APEP – Associação de Pequenos Produtores Rurais Extrativistas do Prialta Piranheira

CPT: Comissão Pastoral da Terra

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

GTAE: Grupo de Trabalhadoras Artesanais e Extrativista

IDEFLOR-BIO – Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

Sumário

INTRODUÇÃO	9
ATO I - Processo de Migração e Memórias	11
ATO II - A Luta Pela Educação	14
ATO III – A Constituição da família.	16
ATO IV - Envolvimentos nos Movimentos e a Conquista da Terra	18
ATO V – O retorno à ESCOLA e os desafios: a importância do movimento da educação do campo no Sudeste Paraense	20
ATO VI - Trabalho desenvolvido no lote e a importância do curso de Licenciatura em Educação do Campo e da área de Ciências Agrárias e da Natureza (CAN)	23
ATO VII – Desafios durante a graduação	26
ATO VIII – Apontamentos Finais	27
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

A palavra Memorial vem do latim Memorial e significa momento, fatos memoráveis, que precisam ser lembrados. Segundo Carrilho et al. (1997, p.04), o Memorial é um texto de caráter científico, onde o/a autor/a descreve a sua trajetória profissional de forma crítica e reflexiva. Com essa linha de raciocínio se torna explícito a importância desta área de pesquisa na qual retrata esse armazenamento de dados em diferentes formas ou campo de pesquisa no qual ele é utilizado.

O memorial pessoal tem como designação principal o armazenamento de informação apresentando a trajetória acadêmica e/ou de vida, na qual traz fragmentos relevantes desta trajetória apontado pelo ponto de vista de quem apresenta ou a conta. Segundo DOMINICÉ (2000), cada história é uma forma de aprendizagem na qual os processos sociais permitem uma aquisição de conhecimento e agrega um valor teórico à vida.

Um memorial autobiográfico pode ser definido como uma escrita acadêmica, pela qual o autor faz uma reflexão crítica sobre seus percursos intelectuais e profissionais, tendo em vista esse raciocínio, esses fragmentos memoráveis conta o percurso acadêmico entremeado às vivências que se estendem até os dias atuais de uma forma vagarosa, do ponto de vista da formação acadêmica, porém ininterrupta, mas intensa do ponto de vista da vivência em um território, em espaços educativos formais e não formais e no cotidiano da vida (PASSEGGI, 2010).

Passeggi (2010) relata que “(...) ao longo desses anos, esse gênero discursivo tornou-se uma prática usual para fins de avaliação em distintas situações nas instituições de ensino superior”, visto que estes são de suma importância em retratar a trajetória de vida e jornada acadêmica dos indivíduos, uma vez que precisamos de relatos escritos para mostrar para gerações futuras.

Almeida (2010) defende que quando o senso comum busca uma definição para história, a memória aparece como a sua primeira definição, visto que ao longo da vida, as lembranças, imagens, perfumes, percepções e sentimentos se apresentam quando vamos relatar algo que aconteceu em um determinado momento, mais próximo ou distante da atual realidade, de forma ordenada ou não, como sendo a história.

Dessa forma, assim como Josso (2007), espera se mostrar a “vivência e experiência pelo viés da vida e caminhos que percorremos e do qual temos que nos

orgulhar do experiencial, no viés da abordagem biográfica”, de forma a contemplar a minha história enfatizando as minhas conquistas como agricultora e estudante.

Adoto este conceito de formação trabalhado pela mediação da reflexão sobre a história de vida, pois permite evidenciar a intimidade de uma construção, valorizando uma concepção singular e, ao mesmo tempo, socioculturalmente marcada de identidade para si, mas, não se pode perder de vista nesta identidade que não há individualidade sem ancoragens coletivas (JOSSO, 2007).

Neste memorial, apresento meu percurso de formação e nele busco conceituar as minhas memórias, lembranças e acontecimentos que deram significados a minha vida. O objetivo central será a narrativa da história de vida e luta pela educação, com destaque para acontecimentos, experiências e vivências em diferentes tempos e espaços importantes em minha trajetória de formação ética, humana, social e acadêmica.

Nesta trajetória, a memória nos marca e possibilita a compreensão de que todos os acontecimentos em minha história de vida são importantes fontes de produção de novos horizontes pessoais e formativos.

Passegui (2010) enfatiza que “o prestígio alcançado por essas narrativas acadêmicas servirá de garantia e de inspiração para a proposta do memorial de formação como prática reflexiva e requisito parcial obtenção do diploma nos cursos de graduação”.

De maneira sucinta, vou relatar os acontecimentos antes, no decorrer e durante a trajetória no percurso de formação do curso de Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA, buscando ordenar as lembranças de minha formação como pessoa e compreender os acontecimentos como experiências vividas expressadas em valores que neste processo formativo nos tornam sujeitos com mais responsabilidades, atitudes e protagonismo nos compromissos assumidos junto à comunidade e buscando dialogar sobre possíveis caminhos e formas de superar entraves e problemas vividos pelas pessoas que nos rodeiam.

Concluir a graduação não é uma tarefa fácil, e para uma agricultora com cinco filhas as dificuldades aumentam, por este motivo os relatos deste memorial apresenta além da história de vida, o processo de luta pela educação, pois cada degrau acadêmico concluído é uma prova concreta de que todo esforço empenhado valeu a pena.

Este memorial foi dividido em 8 atos, no Ato I trás relatos do processo de migração e memórias da infância; Ato II a luta pela educação e as dificuldades enfrentadas; Ato III a constituição da família; Ato IV o envolvimento nos movimentos nos sociais e a conquista da propriedade; Ato V o retorno a escola e os desafios enfrentados por uma mãe e dona de casa para concluir a graduação, enfatizando a importância da educação do campo no Sudeste Paraense; Ato VI trás aspectos sobre a importância do curso de Licenciatura em Educação do Campo e os trabalhos desenvolvidos no lote; já o Ato VII consta relatos das dificuldade enfrentados durante a graduação; e por fim o Ato VIII trás os apontamentos finais e algumas reflexões que surgiram através da construção deste memorial.

ATO I - Processo de Migração e Memórias

Meu nome é Maria Nilza Oliveira Lopes, filha de João Ferreira Lopes e Maurina Oliveira Martins. Meu pai é natural de Água Formosa no estado de Minas Gerais, filho de agricultores que migraram no ano de 1962 para o Estado do Maranhão em busca de terra para trabalhar e sobreviver, seguindo o grande fluxo de migração que ocorreu a partir da década de 60.

Minha mãe é natural de Poções no estado da Bahia, filha de agricultores que migraram no ano de 1966 junto com bisavós e toda a família para o estado do Maranhão, em busca de terras para trabalhar e morar com seus filhos e genros. Compraram e instalaram-se em umas terras na zona rural perto de um povoado chamado Itinga, atualmente hoje a cidade do Itinga-MA¹.Ao chegarem, ambos tiveram dificuldades, pois as terras ficavam distante localizadas a 30 km do povoado do Itinga, que era o povoado mais próximo.

A partir do ano de 1960, com o golpe militar, houve a implantação de vários projetos na região amazônica, denominados grandes projetos, com o objetivo de “povoar” a região amazônica que, segundo o governo militar, era “desabitada” e ao mesmo tempo resolver o problema agrário do nordeste do país, para tanto o governo adotou o lema “terras sem homens, para homens sem-terra”, deslocando-se para região grande leva de migrantes

¹ A cidade de Itinga foi fundada no dia 19 de novembro de 1994 (Prefeitura Municipal de Itinga Maranhão, 2019).

principalmente da região nordeste do país, que buscavam e sonhavam com uma vida nova (ALBALADEJO et al, 2002).

Muitas imagens e sentimentos aparecem em nossa mente quando pensamos em pessoas saindo de um local e indo morar em outro. Muitos de nossos avós ou bisavós vieram da Europa, África, Japão ou outras regiões. Eles trouxeram crenças e tradições de seus locais de origem e enriqueceram a nossa própria vida com elas. Muitos de nós que morávamos em outra cidade lembramo-nos das experiências vividas em outras regiões e dos amigos que deixamos para trás. Muitos de nossos vizinhos e amigos antigos não moram mais em nossa cidade e nem mesmo sabemos para onde foram. (GOLGHER, 2004).

Como retratado no texto acima, nossa vida está em constantes mudanças, onde aprendemos muito e amadurecemos com elas, nesse sentido, o processo de migração apresenta isso com uma magnitude inexplicável, pois ele é capaz de apresentar com fatos reais como as condições culturais se propagam nas relações interpessoais.

Em 1975 meus pais se conheceram e se casaram, no mesmo povoado em Itinga do Maranhão, em 1976 eu nasci diante de inúmeras dificuldades, não havia estradas para o nosso deslocamento pessoal e da produção, arroz, milho, mandioca, feijão e pequenos animais como galinhas e porco, eram momentos difíceis, havia muita ocorrência de doenças como malária, hepatite, muitas pessoas sobreviviam pela falta de tratamento, acesso a medicamentos ou hospitais. Mas também havia momentos de alegria, as pessoas se reuniam para conversar, contar histórias, realizavam trabalhos coletivos como broque e derrubada de roça no toco para cultivo da agricultura.

Como destaca Cavalcante (1978), “A busca do nordestino por melhores condições de vida e/ou elevação do seu nível de renda, tem induzido a esta população se deslocar para outras regiões mais dinâmicas, que demonstrem maiores oportunidades de emprego”.

Em meados de 1978, meu avô materno vendeu o pedaço de terra que tinha no estado do Maranhão e veio para o estado do Pará, onde comprou outra terra às margens da rodovia PA 150. O meu pai decidiu acompanhá-lo, então vendeu o seu lote, no estado do Maranhão e comprou um lote de 12 alqueires que ficava aproximadamente 08 quilômetros de distância da vila a qual hoje é a cidade de Nova Ipixuna-PA². Na perspectiva de ajudar os parentes mais próximos e que não tinham condições naquele

² Em 1978 Nova Ipixuna ainda era uma vila, até então era município de Itupiranga- PA. Em 1993 foi fundada a cidade de Nova Ipixuna- PA – (FELIX, 2008).

momento, meus pais cederam 02 alqueires de terra para meu tio morar e trabalhar com sua família.

No entanto, no ano de 1988 meu tio decidiu ir embora para o município de Jacundá-PA e quis vender os 02 alqueires de terra que meu pai o tinha cedido. Nesse momento, houve uma certa tensão, pois, meu pai não tinha o valor que ele estava pedindo na terra, ficou chateado com a situação e resolveu vender todo lote e dar a parte referente aos 2 alqueires do meu tio. Com esse recurso, no ano de 1988 minha família conseguiu comprar um lote no Gleba Jacaré, hoje Projeto de Assentamento Gleba Jacaré, que fica localizado no Município de Nova Ipixuna- PA com aproximadamente 32 quilômetros de distância da cidade. Naquela época as coisas eram muito difíceis, tinha muita mata, não havia estradas, a localidade era chamada de colônia da Gleba Jacaré, as terras ainda não haviam passado pelo processo de reforma agrária, as terras eram “baratas” por causa da distância e dificuldades.

Nos primeiros 03 (três) anos meu pai ficou trabalhando sozinho no lote, construindo a casa, produzindo agricultura (arroz, milho, feijão, passava aproximadamente 15 dias trabalhando na terra, depois voltava para Nova Ipixuna para fazer diárias e empreitas para garantir o sustento da família. Nesse período minha mãe ficava em Nova Ipixuna para que eu e meus 07 irmãos pudéssemos frequentar a escola.

Em dezembro de 1991, os meus pais mudaram-se definitivamente com toda a família para a Gleba Jacaré, na época enfrentamos muitas doenças, dificuldades devido à falta de estrada, meios de transporte, comunicação e a própria estruturação da renda familiar. No ano seguinte, em agosto de 1992 nasce a minha irmã casula, chamada Adriele.

Memórias da minha infância

As minhas primeiras memórias foram no sítio situado às margens do rio Esquerdo a 08 km de Nova Ipixuna, onde moramos de 1978 até 1988, lembro-me das brincadeiras com meus irmãos, dos banhos no igarapé onde lavávamos roupas, das rodas de conversas entre meus pais e os vizinhos, que se sentavam geralmente no final da tarde ou ao anoitecer nas portas das casas, contavam histórias sobre as mudanças ocorridas na vida e nos territórios, os desafios vividos e relatos de suas histórias de vida.

Naquela época alternavam práticas de trabalho coletivo, nas derrubadas de roças, roçados, as feitas de pamonhas, as colheitas de arroz, entre outros. Geralmente a roça era grande de 01 a 02 alqueires, para garantir o sustento da família durante o ano inteiro, para facilitar a logística e adiantar a colheita meu pai mudava-se com toda a família para dentro da roça, ficávamos em um barraco de palha até o fim da colheita, eu e meus irmãos ajudávamos na colheita, mas, também nos divertíamos muito, foram momentos que marcaram nossas memórias.

Ainda com relação a produção agrícola e a terra, sabemos que essa agricultura familiar e para o sustento da família e via o meu pai vender sacos e sacos de arroz e milho, também tinha as produções de farinha, onde toda a família ajudava o meu pai, buscava a mandioca em uma burra branca que ele tinha, a meninada ia ajudar a descascar a mandioca, minha mãe tirava puba, goma e fazia uns beiju de sal, um beiju de goma com açúcar que era uma delícia, as idas nos sítios dos vizinhos, os passeios que gostávamos de fazer na terra do meu tio Zé que ficava distante 10 km de onde nós morávamos, caminhávamos dentro da mata por vários quilômetros até chegar em sua casa, foram momentos que marcaram na minha infância.

ATO II - A Luta Pela Educação

Meus pais não frequentaram a escola, pois desde pequenos trabalharam na roça e naquela época não tinha escola na zona rural, o meu pai era analfabeto não sabia assinar o seu próprio nome, minha mãe sabia escrever o nome e ler algumas palavras porque uma tia dela a ensinou, porque ela também não teve oportunidade de frequentar a escola. No entanto, tiveram a preocupação para que os filhos não crescessem analfabetos, em 1986 meus pais contrataram a filha de um vizinho que sabia ler para nos ensinar a ler e escrever, no entanto, um mês depois ela teve que ir embora, e não conseguimos aprender muita coisa.

Diante das dificuldades, de acesso, por falta de meio de transporte e por não ter nenhuma escola na zona rural onde morávamos, em 1987 meu pai tomou uma decisão, comprou uma casa na sede do município em Nova Ipixuna e mandou minha mãe, eu e meus irmãos para morar e estudar na até então vila de Nova Ipixuna. Estudávamos durante a semana e aos fins de semana retornávamos para a nossa terra, situada às margens do rio

Esquerdo a 08 km de Nova Ipixuna, todo o trajeto era feito a pé ou montados em cavalos e burros.

Encontro com a leitura e a escrita

O meu primeiro contato com a leitura e escrita foi em 1987, aos 12 anos de idade, um pouco tardio para uma criança, estudei até a 4ª série do ensino fundamental menor na escola Maria Irany Silva em Nova Ipixuna (Figura 01).



Figura 01: Desfile de 07 de setembro na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Irany Rodrigues da Silva - Nova Ipixuna – PA

Fonte: Acervo pessoal

Em 1991 meus pais decidiram mudar-se definitivamente para a novo lote que meu pai tinha comprado em 1988 no PA Gleba Jacaré, onde o mesmo já ficava trabalhando enquanto nós tínhamos ficado morando e estudando em Nova Ipixuna, pois a situação estava muito difícil para meu pai trabalhar na terra sozinho e sustentar a família, então tivemos que abandonar a escola.

Naquela época o acesso via estradas era precário e havia somente alguns ramais feitos pelos madeireiros no sul e sudeste do estado do Pará (FELIX, 2008). Uma das maneiras de locomoção, na época do verão, era nos caminhões madeireiros, e no inverno somente era possível andar a pés ou montados em cavalos e burros. Na vila a 04 quilômetros tinha uma escola, porém, eu não estudei por ser a filha mais velha e que deveria ajudar meus pais na criação dos meus irmãos.

ATO III – A Constituição da família.

Em janeiro de 1992 conheci um rapaz chamado Pedro Senhor da Silva que morava na vizinhança a uns 10 km da casa dos meus pais, o memo é natural do estado do Goiás antes da divisão e consolidação do estado do Tocantins, sua mãe e família migraram para o estado do Pará em 1975, no contexto histórico da guerrilha do Araguaia, fugindo de guilheiros que agiam naquela época tomando terras por meio da pistolagem. A família se instala na casa de parentes na cidade de Marabá, de onde partem em busca de melhoria e se instalam as margens do rio Tocantins. Algum tempo depois abandonada pelo marido e com oito filhos sua mãe dona Julia Pinto Silva recebe uma proposta de trabalho na fazenda São Pedro, onde hoje é o núcleo Tracoá do Projeto de Assentamento Agroextrativista, ela casou-se com o segundo marido, chamado Petronílio popularmente conhecido como Colega, com quem teve mais três filhos.

A fazenda São Pedro tinha título de aforamento de castanhais, a família trabalhava coletando castanhas dentre outros serviços, constituíram morada em terras próximas a fazenda São Pedro, viviam do extrativismo da caça e dos frutos da floresta, e produção arroz, milho, mandioca, abobora, fava, dentre outros cultivos. Estes foram uns dos primeiros moradores da região.

Em uma festa de virada de ano (do ano de 1991 para 1992) na casa de sua família, começamos a namorar nas raras ocasiões que nos encontrávamos. Em 23 de junho de 1992, nos encontramos e fugimos juntos montados em seu cavalo, em uma tarde enquanto limpava arroz no pilão de uma vizinha, naquela época as famílias eram muito tradicionais, só namorava na presença dos pais e tinha que se casar logo, e meio que sem pensar resolvi montar na garupa do cavalo e ir morar junto com Pedro. Dez dias depois nos casamos em Igrejinha na comunidade Boca do Praialta³ em 03 de julho de 1992, após o casamento ficamos morando na casa da minha sogra dona Julia, onde construímos nossa primeira casa.

Em 1994 fiquei grávida e dei à luz a minha primeira filha. Em março de 1996 meu esposo saiu para trabalhar em Parauapebas, então, mudei-me para o lote de meus pais, no PA Gleba Jacaré, grávida da minha segunda filha. O trabalho do meu companheiro não

³ Atualmente a comunidade boca do Praialta constitui-se como um dos núcleos do Projeto de Assentamento Agroextrativista Praialta Piranheira, denominado núcleo Praialta.

deu certo e ele regressou para nossa casa em dezembro de 1996, ficamos morando em uma antiga casa dos meus pais.

Neste período, a renda era retirada principalmente da agricultura e do manejo da floresta por intermédio de espécies como cupuaçu, cipó, castanha do Pará e andiroba, aproveitamento e comercialização dos chamados “produtos extrativistas” (FELIX, 2008). Plantávamos milho, arroz, mandioca e feijão, de onde retirávamos os recursos necessários para as despesas domésticas sobre tudo para alimentação e vendíamos o excedente para comprar o que a gente não produzia como roupas, calçados e outros alimentos.

Pouco tempo depois do regresso do meu esposo, ficamos doentes de malária, foi um momento difícil e um período que passamos necessidades porque Pedro não conseguia trabalhar, então o nosso sustento ficou sendo retirado só do extrativismo da floresta. Os frutos que colhíamos na floresta, vendíamos na cidade de Itupiranga-PA.

“[...] naquela época em que começou a “chega gente”, não davam valor ao lugar, não tinham conhecimento, não sabia “o quanto custavam as coisas”, o que fazia com que trocassem, dessem ou vendessem as terras para os recém-chegados, muitas vezes, migrantes de outros estados e regiões. Além dessa falta conhecimento, eles desprezaram que também enfrentaram pressões, que foram assediados, que não resistiram ao sofrimentos e as adversidades pelas quais passavam na região, referindo-se a doenças (na maior partes das vezes, malária), a dificuldade de acesso, a falta de dinheiro, que, mesmo diante do pouco oferecido pelos interessados, era uma possibilidade de se obter este recurso escasso frente as grandes extensões de mata (áreas estas que também não significavam muito além do que extensas matas para eles, naquele momento)”. (FELIX, 2008)

Naquela época o rio Praialta era utilizado como malha hidroviária, os moradores das localidades PA Gleba Jacaré, Vila Belém, Tracoá e Boca do Praialta costumavam navegar e se transportar através do rio, desciam pelo rio Praialta e logo adiante subia no rio Tocantins com destino a cidade de Itupiranga- PA que fica localizada às margens do rio Tocantins (SILVA, 2020).

Era na cidade de Itupiranga, que resolvíamos as questões práticas como fazer compras, vender nossa produção, tendo em vista que o acesso pelo rio era mais fácil, considerando que ainda não tínhamos estradas de acesso, saíamos 03 horas da madrugada para pegar o barco às 6 horas da manhã, viajávamos até Itupiranga, vendíamos os frutos e comprávamos o necessário e as 14 horas da tarde retornávamos para casa.

A venda da produção do arroz e do milho era carregada em animais até um determinado ramal onde um caminhão do atravessador conseguia entrar e essa entrada era possível nos meses de julho, agosto e setembro pelos ramais de estradas abertos pelos madeireiros, donos de serrarias localizadas em Nova Ipixuna.

Em 1998 tive minha terceira filha e logo depois construímos uma casa de taipa (barro, ripa e coberto de taubinha) dentro do lote do meus pais no PA Gleba Jacaré. Nessa época Nova Ipixuna já tinha sido emancipada, as condições das vias de acesso já tinham melhorado, já havia transporte diário do carro de leite que fazia o escoamento da leiteira produzida na região.

ATO IV - Envolvimentos nos Movimentos e a Conquista da Terra

Em 1998 começamos a fazer parte do movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Nova Ipixuna- STRNI e através deste movimento no ano de 1999, o delegado do sindicato seu Paulinho convidou o meu esposo para participar de um acampamento na fazenda do senhor Pedro Oliveira⁴.

Meu esposo foi participar do acampamento e eu fiquei em casa com as crianças, em 2000 a fazenda foi loteada e então conquistamos um pedaço de terra, em dezembro de 2001 nos mudamos para o lote onde residimos até hoje.

O processo de ocupação dessas áreas constituiu-se tanto da compra de terras de moradores mais antigos, como da ocupação de áreas, dando origem a pequenas posses, bem como fazendas de maior porte. Partindo desse pressuposto, a criação do Projeto de Assentamento Agroextrativista Praia Alta Piranhiera foi por um lado uma regularização fundiária das posses existentes, por outro lado, levou a ocupação por outras famílias que chegaram com a criação do assentamento, sobretudo nas áreas de algumas das antigas fazendas que estavam dentro do perímetro e foram desapropriadas dando origem aos núcleos Tracoá, Cupú e Mamona (MICHELOTTI, 2010).

A área antes formada por antigos castanhais a margem direita do rio Tocantins, teve um processo de ocupação bastante heterogêneo, na ocasião de criação do PAE em 1997 a área constituída tanto por estabelecimentos familiares oriundos do período dos

⁴ Pedro Silva de Oliveira- ex-vereador e ex-delegado Regional de Polícia Civil. “Pedro Oliveira”, como era conhecido, exerceu o cargo de vereador por 4 mandatos e foi Delegado Regional durante 14 anos em Marabá. Era dono de uma fazenda concedida através do aforamento dos castanhais (CORREIO, 2020).

castanhais, como de estabelecimentos que surgiram a partir da década de 1980, com a expansão da ocupação da terra firme a partir da atividade madeireira (MICHELOTTI, 2010).

O núcleo a qual pertence a nossa terra fica localizado na Tracoá (Núcleo Tracoá), a terra dos meus sogros, uns dos moradores antigos da região também foi regularizada e agregada junto ao PAE Praialta Piranheira.

De acordo com dados da respectiva cooperativa do município de Nova Ipixuna e a associação do assentamento (CORRENTÃO/APAEP, 1999 apud COELHO et al, 2011) o Projeto de Assentamento Agroextrativista Praialta e Piranheira foi criado através da Portaria 19 n° 42, de 21 de agosto de 1997, e assim como as outras modalidades de reservas extrativistas, possui, ou pelo menos é o que se pretendia, uma modalidade de uso da terra diferenciada, ou seja, o modelo de uso espaço territorial de forma coletiva. No entanto, de acordo com (ARAÚJO, 2015) essas características não são respeitadas no PAE Praialta Piranheira, o qual segue a mesma lógica de um PA convencional. Cada família com seu lote e sem propósito de gestão coletiva.

Segundo Gil Felix (2008), na criação PAE Praialta Piranheira foi definido uma área total de 22.000 ha. Logo na criação o PAE foi dividido em 07 núcleos que são: Vila Belém, Maçaranduba I e II, Mamona, Cupu, Praialta e Tracoá.

Ao chegar no assentamento PA Agroextrativista Praialta Piranheira - Núcleo Tracoá, nos associamos a associação a APAEP - Associação do Projeto Agroextrativista Praialta Piranheira e o presidente era o senhor José Claudio⁵. Continuamos trabalhando na agricultura familiar, até o atual momento, plantando milho, arroz, feijão, inhame, mandioca, batata e quiabo, além de manejarmos a floresta fazendo coleta de castanha, cupuaçu, andiroba e açaí.

Em 2016 comecei a fazer parte do Grupo de Mulheres Artesanais e Extrativistas (GTAE) ao qual tenho tido experiências maravilhosas que contribuem com a nossa renda familiar (Figura 02 e 03). Porém uma das coisas importantes do grupo, além do extrativismo, é a parceria que foi construída entre GTAE, CPT, EMBRAPA, IDEFLOR-BIO e FIOCRUZ onde iremos aprimorar os nossos conhecimentos empíricos com as

⁵ José Claudio Ribeiro dos Santos e sua esposa Maria do Espírito Santo foram brutalmente assassinados dia 24 de maio de 2011 no PAE Praialta-Piranheira.

plantas medicinais e óleos, mas agora vamos melhorar a produção e com isso, devemos agregar valores nos produtos.



Figura 02: Reunião do Grupo de Mulheres Artesanais e extrativistas - GTAE

Fonte: Acervo pessoal



Figura 03: Curso de Manejo de Açaí promovido pela EMBRAPA, IDEFLOR e CPT

Fonte: Acervo pessoal

ATO V – O retorno à ESCOLA e os desafios: a importância do movimento da educação do campo no Sudeste Paraense

Em 2002, eu Maria Nilza O. Lopes aos 26 anos de idade retornei à Escola Municipal de Ensino fundamental Santo Antônio do Praialta que fica localizada no PA Gleba Jacaré a 28 quilômetros da cidade de Nova Ipixuna (Figura 04), para começar a estudar novamente enfrentando muitos desafios.



Figura 04: Escola Municipal de Ensino fundamental Santo Antônio do Praialta

Fonte: Acervo pessoal.

O primeiro deles foi fazer meu companheiro entender o meu desejo de voltar a estudar, pois não tive oportunidade de fazer isso anos atrás quando ainda morava com meus pais em função das dificuldades e realidades vividas naquela época. O segundo foi enfrentar as dificuldades para chegar à escola, pois precisava percorrer a distância de 05 (cinco) quilômetros a pé até a vicinal onde o ônibus escolar passava e mais 10 quilômetros até a escola, localizada na comunidade vizinha, muitas vezes o carro atolava ou quebrava e tínhamos que voltar para casa a pé.

Em meados de 2005 aos 28 anos de idade fiquei grávida da minha 4ª filha, as coisas ficaram um pouco mais difíceis, tinha que fazer todo o trajeto de casa até a escola grávida e depois levando minha filha recém-nascida para a escola, porque não queria desistir de uma luta que era tão importante para minha vida. Apesar de todos os desafios consegui concluir o ensino fundamental, em 2006 aos 30 anos de idade.

Diante disso, me ocorreu um questionamento, e agora como farei para concluir o ensino médio? Mesmo diante de tantas dificuldades e sem transporte próprio e sem transporte ofertado pelo Estado, resolvi enfrentar o desafio e continuar estudando, para minha sorte consegui pegar carona com uma amiga que ia parar a escola na moto do pai dela, dividíamos o combustível e fazíamos companhia uma para a outra.

Em 2007, depois do nascimento da minha filha casula, o percurso era feito à noite muitas vezes a moto quebrava ou furava o pneu e tínhamos que empurrar a moto, eu grávida e outras vezes deixava na estrada e vinha a pé, no período de chuva enrolava a menina em uma capa de chuva pra não molhar e ia para escola, mas com todas as dificuldades, em 2009 concluí o ensino médio, aos 33 anos de idade.

Certo dia estava na escola Santo Antônio do Praialta, o professor Francisco conhecido como Sirlei que tinha acabado de se formar na Universidade do Sul e Sudeste do Pará falou “Porque você não se escreve no curso de Licenciatura em Educação do Campo?”, então aceitei o desafio, ele fez a minha inscrição no processo seletivo especial para o curso e em julho de 2017 aos 40 anos ingressei na universidade.

O processo seletivo especial aplicado ao curso de licenciatura em educação do campo divide-se em duas etapas, sendo que primeira constitui-se da aplicação de uma prova de conhecimentos e redação; e a segunda de entrevista que considera as experiências vividas, o envolvimento na comunidade e o engajamento nos movimentos sociais (UNIFESSPA/PPC-LPEC, 2019).

Foi um desafio pensar em fazer uma faculdade em outra cidade, deixar a família e atividades do lote em segundo plano, sem saber se iria conseguir conciliar. Sabendo que ambas eram importantes, e como curso de licenciatura em educação do campo apresentava uma modalidade diferente de ensino, na qual não precisava renunciar à minha família muito menos de morar no lote em que conquistamos, então resolvi abraçar o desafio.

A educação escolar é uma conquista promovida através de lutas por direitos, não tem que ser para o homem do campo, mas com e do homem do campo, é preciso assegurar o protagonismo pedagógico, dialogando com os saberes, práticas culturais dos educadores, educandos e comunidade camponesas, construindo juntos uma rede de produção de conhecimentos, garantindo que o educando não precise escolher entre viver no campo ou estudar, ou ter que se adequar a outras realidades para ter acesso à educação (MEDEIROS E BATISTA, 2020).

Os grupos de trabalhadores ligados à reforma agrária, universidades e trabalhadores rurais sem-terra, sempre tiveram uma luta incessante para garantir o direito e o acesso a uma educação voltada para os povos do campo, agricultores, indígenas, quilombolas e ribeirinhos.

No final do ano de 1990 nasce o movimento de educação do campo, no Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária- ENERA realizado em Brasília. Em 1997 vários grupos e movimentos se unem na 1ª Conferência Nacional por uma educação básica voltada aos povos do campo. A unificação dos movimentos e das lutas tanto por terra como por educação do campo fortaleceu a luta (MEDEIROS E BATISTA, 2020).

A partir da política de expansão da educação do campo no Brasil, foi criada a primeira faculdade de educação do campo – FECAMPO no sudeste do Pará, vinculado à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA. O curso de licenciatura em educação do campo – LEDOC é ofertado desde 2009, contribuindo com formação e reflexão de educadores ligados à vida camponesa, segundo o censo realizado na educação superior, publicado em 2017 pelo instituto nacional de pesquisa educacional- INEP, a UNIFESSPA em conjunto com a FECAMPO tem o maior número de alunos matriculados neste curso (MEDEIROS E BATISTA, 2020).

ATO VI - Trabalho desenvolvido no lote e a importância do curso de Licenciatura em Educação do Campo e da área de Ciências Agrárias e da Natureza (CAN)

Quando chegou o período e tivemos que optar por uma área de conhecimento, a escolha por ciências agrárias da natureza foi quase que imediata, porque é a realidade que vivemos no campo, e parte disso ia influenciar diretamente na minha vida cotidiana e não apenas profissional.

A cada disciplina estudada percebia que ao mesmo tempo que estava sendo capacitada para o mercado de trabalho e ao mesmo tempo conseguia visualizar estratégias de como melhorar o funcionamento da unidade familiar de produção, além de compreender melhor a realidade do meio em que vivemos.

A educação do campo nos possibilita conhecer e entender nossa própria história, através dos períodos de alternância (Tempo Universidade e Tempo Comunidade) e dos trabalhos direcionados a realidade em que vivemos, valorizando os saberes e culturas locais, contribuindo com a construção do conhecimento e ao mesmo tempo relacionando os aprendizados do tempo universidade com a realidade do campo.

Mais que “adequar” à situação do campo aquilo que foi pensado para cidade (conteúdos, material didático e organização pedagógica da escola), o que se deseja é afirmar uma pedagogia e escola que sejam “do” campo, contextualizadas e vinculadas à existência e projetos dos diversos sujeitos que ali vivem e proporcionadoras da compreensão crítica sobre a dialética presente na relação entre os elementos cotidianos e não-cotidianos que condicionam a existência sociocultural e ambiental do campo, buscando possibilitar aos sujeitos ampliarem seus conhecimentos, construindo novos saberes que os auxiliem na superação dos fatores que limitam a conquista de melhores condições de vida – em todas as dimensões - para si e sua comunidade (PPC - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2018, p.18).

As pesquisas e trabalhos complementares do tempo comunidade possibilitaram uma melhor compreensão do processo de ocupação e da história do PAE Praia Alta Piranha, história essa que infelizmente muitos assentados e moradores que chegaram após a criação do assentamento não tem conhecimento e/ou entendimento o que contribui para o afastamento do objetivo inicial de criação do assentamento agroextrativista.

Segundo Gil Felix (2008), o PAE Praia Alta Piranha foi criado com o objetivo de desenvolver o uso sustentável dos recursos naturais, sem causar maiores impactos ao meio ambiente, o que favorece os pequenos produtores com o aumento da renda familiar, porém, a vontade da conservação da natureza não se materializou, um dos fatores é que o

PRONAF “cerca/gado” foi um dos primeiros projetos acessados pelo assentados, fazendo com que os produtores se voltassem mais para produção pecuária ao invés do extrativismo.

Assim como a maioria dos assentados também tivemos acesso ao PRONAF “cerca/gado” e hoje pecuária de leite em pequena escala é uma das atividades que compõe a renda familiar, no entanto, nossa família nunca deixou de lado a agricultura, o que contribui para a segurança alimentar, complementamos a nossa renda com produtos oriundos da agricultura familiar, onde o excedente é comercializado na feira dos produtores rurais de Nova Ipixuna-PA.

Vale ressaltar que eu e meu esposo sempre tivemos a preocupação em manter as áreas de reserva e matas ciliares. A partir do engajamento nos movimentos sociais, participação de palestras, cursos, atuação de órgãos como Comissão Pastoral da Terra-CPT, Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do estado do Pará- Ideflor-bio, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- EMBRAPA e da influência positiva de três filhas que já tinham passado por um processo de ensino de educação do campo com curso técnico integrado no IFPA/CRMB (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Rural de Marabá/PA) começamos a diversificar e trabalhar outras atividades no lote.

O Ideflor-bio trouxe a implantação de sistemas agroflorestais - SAF's (Figura 05) e o manejo do açaizal nativo, em parceria com os órgãos como Comissão Pastoral da Terra de Marabá/PA (CPT) e EMBRAPA.



Figura 05: Sistemas Agroflorestal – SAF's, Sítio Deus Está Presente

Fonte: Acervo pessoal

A importância de conservar o meio em que vivemos ganhou centralidade em nossas preocupações e estratégias, nesse sentido, quando Grupo de Trabalhadoras artesanais Extrativistas-GTAE, a qual participo, foi contemplado com alguns cursos para qualificação das famílias com intuito de incentivar a preservação e sustentabilidade, a partir das nossas experiências e vivências do uso da floresta e uma parceria com várias instituições, dentre elas, Ideflor-bio, Embrapa, CPT, FIOCUZ e a Secretaria de Agricultura de Nova Ipixuna, contribuíram conosco para alavancar algumas iniciativas.

Em 2020 o meu esposo participou de um curso de apicultura e meliponicultura, e desde então começou a implantar esta atividade no lote. Hoje ele possui 5 (cinco) caixas de abelhas do gênero *Apis* e 7 (sete) caixas de melíponas nativas da região. Vale destacar que essas atividades sempre eram trabalhadas e incentivadas através do curso de educação do Campo e da área de formação de Ciências Agrárias e da Natureza (CAN).

O curso nos possibilita a construção de uma visão mais ampla e um olhar mais atento a nossa realidade, compreendendo os processos de lutas e conquistas do campesinato. A grade curricular do curso nos leva a compreender não apenas à docência e o processo da educação do campo, ela também nos leva a compreender a história de luta e realidades vivida em cada comunidade.

A partir da vivência da disciplina Tecnologias Agroecológicas e da parceria com Ideflor-bio foi realizada a implantação de uma área de experimento dentro do lote, com objetivo de transformar em uma unidade demonstrativa de Sistema Agroflorestal com base nos princípios agroecológicos. O arranjo do sistema foi pensado e organizado para interligar dois sistemas de produção, unir o SAFs com a atividade de apicultura e meliponicultura, para isso foi trabalhado o consórcio de culturas frutíferas. Nesse caso foi escolhido o cacau como cultura principal, cultivos semi-perenes como a banana, culturas anuais como mandioca e feijão, além das espécies adubadoras como o margaridão que também tem a função de produzir flores para as abelhas.

Durante a implantação e manutenção do sistema foi possível associar e trabalhar conteúdos e visitas técnicas realizadas durante o decorrer do curso e é muito relevante como os conteúdos que em sala são simplesmente conceitos conseguem ser compreendidos e materializados de forma prática.

A unidade demonstrativa tem o intuito de “vitrine” para servir de inspiração e experiência à comunidade em geral, trazer uma opção para diversificação produtiva do

lote, garantindo assim, a produção de alimentos e geração de renda para a família, trabalhando a sustentabilidade dentro dos princípios agroecológicos.

Neste sentido, a busca por segurança alimentar e nutricional que inclui a necessidade de alimentos limpos e saudáveis para todos é uma importante função que a agricultura familiar cumpre. Este ponto é superimportante e está em todas as agendas de desenvolvimento do mundo. (REINIGER, et al., 2017 p.55).

Tanto as etapas de pesquisas do tempo comunidade, como as matérias voltadas à área das ciências agrárias e da natureza, como as disciplinas de sistemas familiares de produção; manejo agroecológico e agroecossistemas; agricultura e sistemas agroecológicos de produção; análise e funcionamento do estabelecimento agrícola, dentre outras, nos ajudam a melhor compreender a realidade do campo e a pensar metodologias e práticas para melhorar a qualidade do ensino e da produção no campo e assentamentos de maneira geral..

Fazendo um resgate das disciplinas estudadas, estas formam um grande aprendizado tanto para vida pessoal como para vida profissional e em comunidade, este processo de formação trouxe tanto a agregação de conhecimentos novos, como a compreensão de elementos que já faziam parte do nosso dia a dia, práticas e costumes que agora são vistas com um novo olhar, coisas que não pareciam ser muito importantes, agora ganham significado.

Os estudos das disciplinas direcionadas ao eixo das ciências agrárias e da natureza, traz um direcionamento e a valorização dos diferentes saberes dos povos do campo, e principalmente das comunidades em que vivemos. Nas aulas de campo vimos que é possível direcionar e usar esses conhecimentos para organizar a produção do lote.

As pesquisas dos tempos comunidade possibilitaram resgate dos saberes tradicionais e conhecimentos empíricos do povo da nossa comunidade, além da compreensão dos processos históricos e produtivos.

ATO VII – Desafios durante a graduação

Não foi fácil cursar a faculdade em outra cidade, ficar ausente de casa por aproximadamente dois meses, durante o tempo universidade. Neste período meu esposo

ficava em casa com nossas duas filhas casulas cuidado do lote, das criações e da agricultura. Sempre que havia oportunidade ia em casa passar os fins de semana.

Em 09 setembro de 2021 sofri um acidente de moto, tive múltiplas faturas no maxilar, passei um tempo internada a espera de ser chamada para fazer a cirurgia, 21 dias após o acidente realizei a cirurgia no hospital Maradei em Belém pelo Sistema Único de Saúde - SUS. Após a cirurgia tive várias complicações, uma trombose na perna, que ocasiono o retorno para ao hospital, sofrendo várias hemorragias por causa dos medicamentos para a trombose e a cirurgia não cicatrizada, ficando aproximadamente dois meses internada.

Após este longo período, regressei para casa, neste período os professores foram muito compreensivos, passaram trabalhos, respeitando o tempo que necessitava para a recuperação.

Em 2022 quando a faculdade estava retornando as atividades presenciais, precisava que todos apresentassem a carteira de vacinação como comprovação para a vacina Covid 19, em decorrência dos vários problemas de saúde e dos tratamentos que ainda estava fazendo, não podia tomar a vacina contra o Covid. Para frequentar a faculdade necessitava apresentar um teste negativo todo dia, porém como as condições financeiras não permitiam, conseguir terminar os últimos semestres de forma remota. Todos os professores foram muito atenciosos, passavam estudos dirigidos e trabalhos, prestaram todo apoio para que pudesse concluir os últimos semestre.

Apesar de todas as dificuldades, consegui concluir o curso de licenciatura em educação no campo.

ATO VIII – Apontamentos Finais

O processo de migração e a conquista da terra vem carregado de histórias de lutas e superação de desafios, durante esse processo se inicia o encontro com a leitura e a escrita e trajetória de luta por educação.

A conquista por educação foi um processo de luta constante que perpassa todos os atos deste memorial, é uma trajetória de luta e de persistência muito pessoal, que vai desde a educação básica até o processo de formação do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

O encontro com a educação do campo trouxe um novo olhar e uma abordagem diferente de compreensão e transformação da realidade vivida, proporciona além da capacitação para o mercado de trabalho uma visão sistêmica da realidade, da tomada de decisão e da abordagem produtiva dentro do lote.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, C. D. S. Reforma Agraria e Sustentabilidade: Impactos de 16 anos de criação do PAE Praialta Piranheira na busca de agroecossistemas sustentáveis no município de Nova Ipixuna-PA. Texto de dissertação de Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Marabá-PA, 2016.

ALBALADEJO, Christophe.; ARAÚJO, Roberto.; HÉBETTE, Jean.; ROY, Gérard.; SCHIAVONI, Gabriela.; VEIGA, Iran. Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento. Universidade Federal do Pará. Centro Agropecuário. Núcleo de Estudos Integrados Sobre Agricultura Familiar. Vol. 01, nº 3- Belém: UFPA/CA/NEAF, 2002.

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. "MEMÓRIA SERVE PRA QUÊ? UMA ANÁLISE “DO QUE DEVE SER ESQUECIDO” E “DO QUE PODE SER LEMBRADO” NA HISTÓRIA". 2010.

COELHO, Nádia Cylene de Sousa et al. 11676-Panorama sócio-econômico da localidade Piranheira no Assentamento Agroextrativista Praia Alta-Piranheira, Nova Ipixuna...-Pará. Cadernos de Agroecologia, v. 6, n. 2, 2011.

CAVALCANTI, Ana Maria. Migração rural-rural no Nordeste do Brasil. 1978.

FELIX, Gil Almeida. O caminho do mundo: Mobilidade espacial e condição camponesa numa região da Amazônia Oriental. Editora da Universidade Federal Fluminense. Niterói – RJ, 2008.

GOLGHER, André Braz. TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 231: FUNDAMENTOS DA MIGRAÇÃO. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004.

História do Município. Prefeitura Municipal de Itinga do Maranhão, Itinga, 20, novembro de 2019. Disponível em: <https://www.itinga.ma.gov.br/omunicipio.php#:~:text=No%20dia%2019%20de%20novembro,%C2%B0%206.147%2F94>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Porto Alegre, 2007.

Marabá: Morre Pedro Oliveira, ex-vereador, aos 90 anos. Portal Correio de Carajás. Marabá, 16 de junho de 2020. Disponível em: <https://correiodecarajas.com.br/maraba-morre-pedro-oliveira-ex-vereador-aos-90-anos/>. Acesso em: 18 de novembro de 2022.

MICHELOTTI, Fernando. Luta pela terra e assentamentos no sudeste do Pará. Antropolítica, p.246, 2010. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30869274/revista_antropolitica_26.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1558031959&Signature=y%2FbtPpaxJe%2F2P%2Bdg%2FkZVsXR2p%2F8%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DQuando_tecnologia_lei_e_familia_converge.pdf#pa_ge=135 > Acesso em: 16 de maio de 2019.

MEDEIROS, Evandro Costa de; BATISTA, Maria do Socorro Xavier. Territorialização nacional da Educação do Campo: marcos históricos no Sudeste paraense. **Educação e Pesquisa**, v. 46, 2020. Disponível em: duca.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1517-97022020000100554&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1996.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re) conhecimento. **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, p. 19-42, 2010.

Universidade do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. **Projeto Pedagógico do Curso em Educação do Campo**. Marabá, 2019. Disponível em: https://fecampo.unifesspa.edu.br/images/arquivos/PPCs/PPC-FECAMPO-2019_Final.pdf Acesso em: 01 de dezembro de 2022.

REINIGER, Lia Rejane Silva Princípios de agroecologia [recurso eletrônico] / Lia Rejane Silva.Reiniger. José Geraldo Wizniewsky, Marielin Pricila Kaufmann 1. ed. Santa Maria, RS; UFSM, NTE, UAB, 207.